

Memórias do sul de Minas: ambigüidades da modernização

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva¹ (UNINCOR)

Resumo:

No estudo da memória cultural de comunidades do sul de Minas Gerais, ao lado de certos temas teóricos (como a relação entre memória e identidade, as fronteiras entre literatura e história e as interseções entre narrativa e interpretação), destaca-se fortemente a questão histórica da modernização. De certo modo, os discursos que falam do passado nessas comunidades tendem a colocar em pauta alguma forma de percepção de sua trajetória ao longo do processo sempre precário e incompleto de chegada da modernidade. Junto com as fábricas, máquinas e estradas de ferro, costumam estar presentes o triunfalismo progressista, o sentimento de perda das tradições, o desejo de reconstruir o pertencimento, o desencantamento do mundo etc. Assim, a trajetória de modernização dessas sociedades configura-se como um processo repleto de conflitos materiais e ideológicos, provocando transformações que são vista quase sempre de modo ambíguo e contraditório. O objetivo deste trabalho é refletir sobre esse processo, a partir de meu trabalho como orientador de pesquisas que tomam como objeto de estudo textos literários e outras manifestações culturais de comunidades da região de Três Corações.

Palavras-chave: local, regional, cultura, identidade, modernização.

Depois de ter residido por toda a minha vida e realizado toda a minha formação acadêmica em Belo Horizonte, trabalhei nos últimos cinco anos como professor do recém-criado Programa de Pós-Graduação em Letras da UNINCOR, sediado na cidade de Três Corações, no sul de Minas Gerais. Por uma feliz coincidência entre minha trajetória pessoal como pesquisador e as diretrizes do Programa, boa parte desse período foi dispensada no estudo de objetos de caráter local e regional, através de orientações de Iniciação Científica e Mestrado, elaboração de artigos acadêmicos e participações em bancas, mesas-redondas e outros fóruns de debate. Digo coincidência porque, enquanto por um lado meu trabalho de doutorado sobre a mitologia esportiva brasileira apontava a necessidade de submeter a exame os desdobramentos regionais dos imaginários culturais, por outro a instituição em que me inseria ambicionava recuperar, para a comunidade local, a história lingüística, literária e cultural da região em que se insere. Assim, por duas vias distintas, estava colocado em meu horizonte um plano de trabalho que conduzia ao estudo das miudezas não canonizadas de que é formada a cultura local e regional, em diferentes localidades do estado de Minas Gerais.

Em um artigo intitulado “A descoberta do local”, escrito no início dessa trajetória e publicado na revista do Programa, procurei registrar algumas das preocupações que a tarefa suscitava, dando os primeiros passos na realização daquele plano de trabalho. Era necessário “olhar para a diferença, para as histórias ainda não contadas, para os discursos silenciados, para os deslocamentos de sentido provocados pela apropriação de idéias e práticas culturais”, tomando “cuidado para não cair na armadilha do ‘auto-apartheid’, no culto acrítico da diferença e na negação de qualquer horizonte de compartilhamento de valores, idéias e princípios”. Além disso, era necessário reconhecer que “o encontro com aquele universo cultural só poderia ser visto como uma ‘descoberta’ (no sentido de primeiro contato) por aqueles pesquisadores migrantes, que vinham de fora, pois ele evidentemente já fazia parte da vida e do cotidiano da comunidade sul-mineira e tricordiana”. Por isso, seria fundamental evitar o erro de “reproduzir a dinâmica colonialista”, supondo-me portador “de verdades universais, nas quais esses objetos de pesquisa deveriam ser perfeitamente encaixados”, e deixar que “a própria comunidade local assumisse a palavra e o lugar de sujeito do processo de construção do conhecimento”, aproveitando-se da presença dos pesquisadores vindos de fora “para

descobrir novas perspectivas e novos modos de olhar para sua própria cultura”. A oportunidade de “descoberta”, enfim, estava colocada para ambos os lados da relação que se iniciava.

Durante os cinco anos em que estive envolvido nessa tarefa, me esforcei para implementar essas diretrizes. Em meu trabalho, sobretudo nas orientações de alunos que estudavam autores e obras de produção e circulação local e regional, procurei agregar a essas pesquisas instrumentos teóricos e metodológicos que possibilitassem uma ampliação e um refinamento da reflexão sobre esses objetos. Por uma questão de foco, optei por me concentrar em uma questão que havia sido fundamental em minhas pesquisas anteriores, sobre o imaginário esportivo brasileiro: a idéia da memória e dos discursos sobre o vivido (e, em última análise, da própria cultura) como espaços de conflito e negociação em que se constituem as subjetividades individuais e coletivas. Munido de referências teóricas de disciplinas como História, Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Estudos Culturais, em que essa questão é elaborada de diferentes maneiras, busquei direcionar as orientações, as arguições e alguns trabalhos de minha própria autoria para a percepção de como os textos e outras manifestações culturais se posicionam nos combates ideológicos sobre o passado, interferindo no processo ininterrupto de reconstrução discursiva das identidades coletivas.

Essas questões estiveram presentes na análise de objetos como as tradições musicais de Três Corações (na dissertação de Lisa Paula Andrade Vilela de Oliveira), a obra de autores tricordianos como Darcy Brasil, Benefredo de Souza e Valério Néder (no projeto de Iniciação Científica “Acervos tricordianos”, realizado com auxílio da FAPEMIG e do qual fizeram parte as bolsistas Aline de Souza Pereira, Rejany Carvalho Lemes e Talita Carlos Tristão), os discursos sobre o passado da cidade de Ouro Branco (na dissertação de Cláudio Sudário Lopes Filho) e as narrativas orais com temas sobrenaturais da região de Caxambu (na dissertação de Viviane Francisca Ribeiro). Além disso, a discussão sobre a relação entre memória e identidade permeou outros trabalhos que desenvolvi no mesmo período, como a orientação de uma dissertação sobre o rap de MV Bill e Racionais MCs, de uma monografia de especialização sobre o rap em Juiz de Fora e de outra sobre o samba no Brasil, participações em bancas de Mestrado sobre temas como a representação fotográfica de Três Corações e as narrativas fantásticas de São João Del Rei, e orientações de trabalhos acadêmicos diversos, sobre o rap em Lavras, o site Museu da Memória, a história do ET de Varginha etc.

Em todos esses trabalhos, dediquei boa parte de minha contribuição ao esforço para desenvolver, na leitura desses objetos, uma percepção acurada dos mecanismos e aspectos enunciativos do discurso sobre o vivido. Na análise de crônicas, relatos historiográficos e memorialísticos, fotografias e canções sobre o passado local e regional, buscávamos as marcas textuais que revelavam ou ocultavam os sujeitos, que construíam efeitos de real ou simulavam objetividade, que submetiam o passado ao presente e fundiam fato e interpretação, que estabeleciam lugares da memória e articulavam memória individual e memória coletiva, que dramatizavam a subjetividade etc. Dessa forma, chegávamos a uma desnaturalização do discurso sobre o passado e a uma visão mais crítica desses textos, identificando e colocando em perspectiva os pontos de vista, interesses e visões de mundo que eles articulavam. Os acontecimentos e personagens do passado, bem como sua relevância e seu sentido no presente, passavam a ser vistos como objetos de conflito, como instâncias em que os sujeitos travam uma luta permanente e de grande importância política pela definição dos contornos simbólicos das comunidades e grupos sociais.

No contato com os objetos de pesquisa, entretanto, uma outra questão, também relacionada a minhas investigações anteriores sobre o imaginário esportivo brasileiro, acabou revelando sua importância e se impondo como prioridade nas análises. A busca por relações entre literatura, cultura, política e história em manifestações culturais de caráter local e regional levou a uma série de textos em que, de diferentes maneiras, estava sempre presente uma relação tensa e problemática com a passagem do tempo, sobretudo com a gradual chegada do progresso e com as mudanças sociais e culturais que ela provoca. Assim, os próprios objetos de estudo apontavam a questão da

representação do processo de modernização como ponto fundamental para a compreensão da construção discursiva de identidades coletivas que se realizava naqueles textos. Mais uma vez, portanto, a oportunidade mútua da “descoberta” se apresentava, disponibilizando para o debate local subsídios teóricos pertinentes e oportunos e, ao mesmo tempo, fazendo avançar minhas próprias reflexões sobre nossa história social e cultural ao desvelar, de forma algumas vezes surpreendente, alguns de seus aspectos mais incômodos.

Na análise das tradições musicais de Três Corações, por exemplo, observamos a celebração grandiloquente de um passado mítico da comunidade, composto por histórias de índios, bandeirantes e boiadeiros e balizado pela chegada da modernidade, com a inauguração da ferrovia, no final do século XIX, e a criação da Feira do Gado, no início do século XX. Depois disso, a música tricordiana registra um momento de entusiasmo, com o carnaval e a boemia de meados do século XX, e se cala sobre o período que se seguiu, revelando talvez uma frustração da comunidade com os desdobramentos do progresso sempre precário e um certo constrangimento diante da forte presença militar na cidade, especialmente nos anos em que o Brasil viveu sob o regime instalado em 1964.

Já na história literária de Três Corações, ao lado de um nome consagrado nacionalmente (Godofredo Rangel), encontramos alguns escritores de significativa importância local e regional, como Darcy Brasil, Benefredo de Souza e Valério Neder, cujas obras são em grande parte voltadas para temas ligados à história da cidade e da região. Nesses textos, a celebração do passado mítico cede lugar, sobretudo, a um discurso saudosista sobre a infância e a “Três Corações de antigamente”, misturando a euforia com a modernidade de meados do século XX com um claro sentimento de desconforto e sofrimento provocado pelo progresso. Assim, Darcy Brasil renega explicitamente seu antigo amor pela cidade – “Não amo mais não. Tu agora és progresso, linha vertical cidade. Progresso. É bom, mas fere a gente” – e conclui sem meias palavras: “Prefiro, sei lá! O meu tempo de criança”. E Valério Neder faz coro, afirmando que a cidade “foi-se bestificando em nome do crescimento”, trocando “a tradição pelo descartável”, até o ponto em que o “transformaram numa ilha (...) como uma sombra, um fantasma vagando solitário no abismo entre a memória e a esperança”.

O mesmo problema aparece, configurado de outras maneiras, nos trabalhos que tomaram como objeto o discurso sobre o passado da cidade de Ouro Branco e as narrativas orais com temas sobrenaturais de Caxambu, evidenciando que a questão é igualmente relevante para outras comunidades do interior mineiro. No primeiro caso, a comparação entre uma narrativa histórica contida num livro escolar e um conjunto de casos pitorescos da cidade, reunidos em um livro de memórias, revelou uma inesperada tensão. De um lado, encontramos a história oficial, moldada pelos interesses de uma grande siderúrgica e voltada para uma representação triunfalista do progresso, e de outro uma visão aparentemente desinteressada, mas ao mesmo tempo crítica e mordaz das transformações vividas pela comunidade, contrapondo comicamente a elas a simplicidade e as tradições dos antigos moradores da cidade. E no segundo caso, a reflexão sobre o sentido e as formas de produção e circulação de narrativas orais com temas sobrenaturais (como bruxas, lobisomens e fantasmas) na região de Caxambu colocou em evidência o processo de desenraizamento sociocultural provocado pela modernização, que destrói tradições, valores e visões de mundo em favor de sua racionalidade tecno-científica.

De um modo geral, portanto, esse conjunto de trabalhos parece apontar para uma conclusão comum, que se depreende de um olhar panorâmico sobre eles. Se a memória cultural dessas comunidades é uma arena em que se desenrolam os conflitos sociais, esses conflitos muitas vezes se realizam por meio de uma disputa entre as diferentes formas de representar e conferir sentido ao processo de modernização vivido por essas comunidades ao longo de sua história, em função das perspectivas diversas e muitas vezes antagônicas do presente. Ao lado de visões míticas e triunfalistas do progresso, que inventam tradições com o objetivo de legitimar poderes e projetar o

futuro, encontramos outras imagens e interpretações desse processo, trazendo à tona e colocando em questão o desenraizamento sociocultural, as perdas e os sofrimentos provocados pela modernização.

À lista de manifestações culturais em que a mesma questão pôde ser examinada, pelo menos de forma breve, devem ser acrescentados os temas de alguns outros trabalhos que orientei, bem como de trabalhos orientados por outros professores que tive oportunidade de ler e comentar, participando de bancas examinadoras. No primeiro caso, pode-se mencionar uma monografia de especialização e uma dissertação de mestrado sobre o rap, em que o estudo dos dilemas da modernização precária e incompleta da sociedade brasileira serviu como contextualização histórica para a análise do discurso de ruptura e afirmação da diferença desse gênero musical no Brasil. E no segundo caso, foram particularmente relevantes duas dissertações de Mestrado orientadas pela Prof^a Dr^a Geysa Silva, uma sobre a sobrevivência das tradições da bruxaria em São Tomé das Letras, em que novamente se manifesta o conflito entre a racionalidade tecno-científica da modernidade e outras formas discursivas de compreensão e apreensão do mundo, e outra sobre a representação fotográfica da memória tricordiana, em que a oposição entre o novo e o velho e os sentimentos de perda e nostalgia diante do progresso estiveram novamente em pauta.

É importante ressaltar, ainda, que o conjunto de trabalhos mencionados aqui faz parte de um esforço maior, que envolve diversos outros professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNINCOR, igualmente empenhados na pesquisa sobre a cultura local e regional ou que se dedicam a questões e objetos relacionados (como a escrita de si, as relações entre literatura e história, os gêneros discursivos, a história oral etc). Todos eles contribuíram, de muitas maneiras diferentes, para que chegássemos aos resultados que acabo de expor. Esse esforço conjunto vem obtendo um importante efeito multiplicador no ambiente sociocultural em que a universidade está inserida, sendo co-responsável por um evidente movimento de crescimento do interesse pela memória cultural em Três Corações e sua região.

Acho, portanto, que se pode dizer com justiça que esses trabalhos constituíram um processo de aprendizado e construção coletiva do conhecimento, por meio do qual diversos pesquisadores tomaram a voz e desenvolveram suas próprias investigações, mas estiveram ao mesmo tempo envolvidos em uma tarefa conjunta, articulando-se pelo compartilhamento de referências teóricas e informações sobre objetos de estudo e produzindo um conjunto articulado de análises. Os aportes teóricos e metodológicos comuns e a troca de experiências e conhecimentos em publicações e eventos acadêmicos favoreceram um adensamento das discussões e funcionaram como catalisadores de reflexões ao mesmo tempo diferenciadas e convergentes, em que as particularidades dos objetos e abordagens foram postas em diálogo, de uma forma aberta às conexões, mediações e hibridismos.

Em contrapartida, eu tive a oportunidade de me aproximar de uma realidade e de uma vida cultural que têm inegavelmente a sua complexidade e a sua importância e que, aos olhos metropolitanos, têm passado muitas vezes despercebidas ou mal compreendidas. Conseqüentemente, ampliaram-se e tornaram-se mais maduras minhas reflexões sobre a história cultural brasileira, especialmente no que diz respeito às suas nuances locais e regionais e aos desdobramentos do processo de modernização, o que será certamente importante para meu trabalho de pesquisa atual, sobre o imaginário esportivo mineiro. Nas atividades de pesquisa e no próprio cotidiano acadêmico, pude conviver e interagir com colegas mais experientes e com formações diferentes, o que favoreceu um alargamento muito significativo do meu quadro de referências intelectuais e da minha experiência profissional. Além disso, fiz amigos, ouvi histórias, vivi bons momentos e levo inúmeras lembranças dos anos em que estive envolvido com esse projeto. Se a possibilidade da “descoberta” estava colocada para ambos os lados da relação acadêmica que esse trabalho envolvia, posso afirmar sem sombra de dúvida que, de minha parte, ela se realizou plenamente.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- [2] BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- [3] BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p.198-238.
- [4] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- [5] HOBSBAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- [6] LACLAU, Ernesto. Universalism, particularism and the question of identity. In: _____. *Emancipation(s)*. London: Verso, 1996, p.20-35.
- [7] LOPES FILHO, Cláudio Sudário. *História e Memória: dois olhares sobre o passado de Ouro Branco*. 2006. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações-MG.
- [8] OLIVEIRA, Lisa Paula Andrade Vilela de. *Memória e identidade nas tradições musicais tri-cordianas*. 2005. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações-MG.
- [9] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.
- [10] SILVA, Marcelino Rodrigues da. A descoberta do local. *Recorte – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, Três Corações/MG, n.1, 2004. Disponível em www.unincor.br/recorte.
- [11] _____. As lembranças de um lugar: memórias e identidades locais e regionais. *Recorte – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, Três Corações/MG, n.6, 2007. Disponível em: www.unincor.br/recorte.
- [12] RIBEIRO, Viviane Francisca. *O desencantamento do mundo nas narrativas orais do Sul de Minas*. 2007. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações – MG.

Autor

¹ **Marcelino Rodrigues da SILVA, Prof. Dr.**
Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR)
lino-rodriques@uol.com.br